



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

RIO DE JANEIRO, 24 DE FEVEREIRO DE 1960.

NO BANQUETE OFERECIDO AO PRESIDENTE
DWIGHT D. EISENHOWER, DOS ESTADOS UNIDOS DA
AMÉRICA, NO PALÁCIO ITAMARATI.

141 Grato me é o ensejo de prestar a Vossa Excelência,
Senhor Presidente Eisenhower, nesta Casa em que se
elabora a política exterior do Brasil, homenagens ampla-
mente merecidas. Além de investido da dignidade que

emana do cargo de Presidente da República dos Estados Unidos da América, tornou-se Vossa Excelência um dos grandes homens da nossa época, quer pela maneira com que, comandante-chefe dos nossos exércitos, enfrentou riscos, responsabilidades e sofrimentos durante a última guerra, quer pelos serviços, não menos heróicos e incessantes, que vem prestando à causa da paz. Na personalidade pública de Vossa Excelência, distinguimos os aspectos indissociáveis do homem de Estado que se devota a conduzir um país de tamanhas proporções e problemas, e do homem de vocação internacional, cuja atividade, em defesa da harmonia entre os povos, tem ultrapassado os limites do que seria justo exigir da resistência humana.

Na saudação que faço em nome do país que o recebe com tanto júbilo, não podia faltar a palavra de reconhecimento pelos serviços incomparáveis de ontem, prestados em horas tão cruéis, nem a de nossa solidariedade na tarefa, não menor, de evitar que se desencadeiem de novo por sobre o mundo — e, desta vez em condições incomparavelmente mais trágicas, forças maléficas, sempre encarniçadas no afã de destruir. Temos muito a louvar em Vossa Excelência, pela sua incessante dedicação na busca de um caminho que permita o processamento natural dos contrastes ideológicos, sem que transbordem para o plano das soluções violentas. 142

Creia, Senhor Presidente, sabemos reconhecer o significado da sua presença. Há de permitir-me Vossa Excelência que lhe diga do acerto em sua decisão de visitar os países deste continente. Não seria justo nem compreensível — releve-me a franqueza — que, no árduo programa que Vossa Excelência se traçou, para conhecimento das mais diversas regiões do mundo e contato direto com problemas e povos, não estivesse compreendida a América Latina, embora somente re- 143

presentada por alguns países escolhidos em função do itinerário e do tempo.

144 Com efeito, não podia esta parte do continente ficar excluída em seu roteiro: fazemos parte da mesma família americana, e integramo-nos na mesma causa democrática. Os interesses comuns aos nossos Países muito terão a ganhar com a experiência que deriva dos contatos diversos, diretos e imediatos com os Chefes de Estado, com o homem representativo ou com o homem comum, que têm, ou vão ter ainda, o agrado de recebê-lo. A América Latina, Senhor Presidente, já possui a consciência de sua missão neste mundo; e se considera credenciada a participar, cada vez mais intensamente, da elaboração das decisões internacionais que orientam o curso dos acontecimentos e cujos efeitos, na interdependência das Nações, se fazem sentir por igual sôbre países consultados ou não consultados.

145 Meditei muito, Senhor Presidente, sôbre se deveria restringir-me, nesta hora em que o saúdo numa festa amiga, às palavras de satisfação por tê-lo em nossa casa. Mas é tamanho o significado político da sua presença, que por certo nos arrependeríamos de não aproveitar esta oportunidade, e ir um pouco além. Parece caminho mais certo, pois, dizer-lhe, com a possível brevidade, que sabemos coincidir a visita de Vossa Excelência ao Brasil com o fim de uma era e o início de um novo tempo de luta para o mundo. Essa luta já não se coloca sob o signo de uma iminência de guerra. Vossa Excelência mesmo colaborou decisivamente para firmar-se a noção de que a rota, até agora seguida por forças contrapostas, em diálogo no mundo atual — procurando cada uma defender ou impor uma concepção de vida e um sistema — não fazia prever solução alguma, abrindo, ao contrário, trágicas perspectivas, que não excluem o próprio extermínio de nossa espécie. A despeito das perturbações que ainda sobrevêm ou das

que poderão talvez sobrevir, essa noção, num crescendo constante, adquiriu tal força, que já é possível fazer ouvidas as razões e reciprocamente considerados os pontos-de-vista, mesmo pelos que, ontem, encarnavam os antagonismos mais absolutos e só falavam entre si a linguagem das ameaças. Ainda não se refêz o mundo da surpresa e da esperança que a visita do Primeiro Ministro da União Soviética aos Estados Unidos causou, no ano passado, e já estamos no dever de cortesia de apresentar a Vossa Excelência votos de boa viagem àquele país. Algo deve ter mudado. Guardando embora sobriedade, seja-me lícito concluir, ao menos, que se deteve a acelerada e catastrófica sucessão de crises internacionais. Mas a nossa confiança na distensão que observamos não vai a ponto de esquecermos que prossegue o debate entre as duas soluções propostas ao mundo, agora nitidamente em outro plano. Recrudesce, e adquire novos contornos, uma competição até aqui insentida, ou obscura. As cortinas de ferro começam a erguer-se. Entramos numa fase caracterizada pela necessidade, em que se encontra cada um dos sistemas opostos, de provar que é capaz de enfrentar o mais grave e decisivo dos problemas do nosso tempo — libertar a parte numéricamente mais importante da humanidade dos rigores da estagnação e do subdesenvolvimento. Contesta-se à democracia a sua força de promover, dentro da liberdade, a elevação do nível de vida das populações sujeitas ao jugo implacável da fome, da doença e da ignorância. Aquela que se convencionou chamar a Causa do Ocidente está convidada a demonstrar que a livre iniciativa e o estilo de vida que adotamos neste Hemisfério não são incompatíveis com a tarefa de redenção material e espiritual das populações das áreas subdesenvolvidas, avaliadas em dois terços da humanidade. Tal o desafio lançado a todos nós, partidários da liberdade dos povos. Já sabemos o suficiente para nos capacitarmos de que não viceja a

liberdade, nem se estabiliza a vida política, na estagnação e no atraso. Não direi os nossos corações, mas os nossos próprios olhos já não podem continuar distantes de uma realidade em que transparecem elementos de convicção a evidenciar que a cruzada pelo desenvolvimento se confunde com a campanha em prol dos direitos fundamentais da pessoa humana. A nossa causa, Senhor Presidente — e esta idéia creio fundamental — terá em definitivo a sua defesa maior e a sua vitória na medida em que os regimes democráticos se mostrarem aptos a produzir riqueza, vale dizer, a promover crescimento econômico acelerado para a libertação de imensas massas humanas, cujo estado de penúria não se há de prolongar sem grave ameaça para os ideais que nos inspiram, e sem a negação dos princípios espirituais e morais que proclamamos como nosso apanágio.

146 A idéia do desenvolvimento é a grande força do nosso tempo, a tal ponto que certas tiranias implacáveis, por tantos títulos merecedoras de repulsa, têm querido atribuir um poder de absolvição ao argumento capcioso de que seus crimes visavam ao desenvolvimento.

147 Trata-se, Senhor Presidente, de um incoercível impulso, da ansiosa procura de um mundo melhor. Os densos grupos de homens que vivem em condições humilhantes para todos nós, já não ignoram que a técnica dos nossos dias criou forças novas, formas de energia até aqui desconhecidas e de alto poder, e que tudo isso melhor serviria à vida que à morte.

148 Formou-se um ambiente de alerta e de expectativa no mundo de hoje, que não devemos desconhecer, nem deixar que seja utilizado contra os ideais que nos justificam e inspiram. Com grande esforço, os povos não desenvolvidos alimentam-se de esperança, que é uma graça de Deus e uma virtude. Sobre as regiões em que,

até hoje, reinou o desespero sem forma, brilha agora finalmente a esperança.

Os muitos milhões de criaturas de Deus que ignoravam tudo, exceção feita da triste condição em que viviam, passaram a ver um caminho para a conquista de um mundo melhor. Esse mundo pode ser atingido pelo trabalho contínuo, pelos meios técnicos modernos, pela educação orientada para o desenvolvimento. Não é necessário, para tanto, que a sociedade renuncie aos valores mais altos da civilização, mas que aproveite melhor os recursos que a ciência pôs ao seu alcance. 149

Que uma ofensiva de prosperidade seja deflagrada. Não deixemos que a Esperança se transforme em revolta e em desespero. 150

Não pertencemos a uma Causa determinada por motivos geográficos ou de simples defesa de um sistema econômico. O que, para resumir e simplificar, denominamos afinidade ou aliança ocidental é, primordialmente, um tecido de idéias e de doutrinas que têm como centro o destino da criatura humana sobre a terra. Tal circunstância nos obriga a uma atitude coerente com a nossa causa. Não nos desligamos da moral, que é um patrimônio penosamente acumulado através de séculos — fruto do sacrifício e do labor heróico de alguns em favor de muitos; não nos desligamos de uma idéia de solidariedade humana que o cristianismo reforçou e tornou fundamental como concepção da vida. Queremos renovar incessantemente a fraternidade sobre a terra; e, se uma palavra pode resumir tudo o que devemos desejar e defender, essa palavra é *justiça*. Por tudo isso, não podemos deixar passar a outras mãos, aos adversários de nossa causa, a iniciativa da campanha do desenvolvimento libertador dos povos. Deve o mundo livre proceder a um rigoroso exame de consciência e verificar até que ponto se compenetrou da missão de conduzir e vencer essa campanha liberta- 151

dora. Esta é a nossa missão, esta é a luta que tem em Vossa Excelência um grande condutor e chefe.

152 Os homens da iniciativa privada de todos os países desenvolvidos hão de cumprir sua função de dilatar os setores de atividade em prol do bem-estar coletivo. O remédio contra a tirania, contra o Estado-Leviatã, é a prosperidade. Repito aqui — e sei que esta idéia identifica perfeitamente os nossos países e renova uma aliança que não é de hoje — repito o que afirmei a propósito da Operação Pan-Americana, que qualquer zona estagnada do mundo é território potencialmente em poder do inimigo. Quero aqui deixar bem claro o meu pensamento de que a prosperidade e o bem-estar dos povos resultam principalmente da afirmação de uma vontade nacional; e que esta se concretiza na ordenação e na dinamização das forças latentes em cada coletividade. A plenitude de um povo jamais se alcança por outorga de outro; e sua grandeza não a pode promover a vontade alheia, mas resulta, inequivocamente, do despertar da ambição de construir o próprio destino. Tal circunstância não diminui, muito ao contrário, o valor que atribuímos à cooperação internacional.

153 Não nutro a ilusão de dizer algo que Vossa Excelência, pelo seu descortino de estadista, não conheça melhor que ninguém. Pareceu-me, contudo, importante manifestar ao Presidente dos Estados Unidos que, tal como o grande e fraterno povo norte-americano, o povo do Brasil também associa a causa da liberdade à causa do desenvolvimento. A luta pela justiça social toma, em nossos dias, a forma de luta pelo desenvolvimento.

154 Este é o tema de nosso tempo.

155 Que Deus o ampare e ilumine, Senhor Presidente, nesta hora, que — das muitas outras gloriosas — é

talvez a mais bela de sua vida, pois Vossa Excelência empreende um esforço definitivo para que enfim se estabeleça o reino de paz entre os homens.

Em nome do Brasil, que não poupa sacrifícios para mostrar-se digno de um destino que exclui a aceitação da mediocridade — saúdo, na pessoa de Vossa Excelência, Presidente dos Estados Unidos da América, o grande, o lúcido homem de Estado e a sua figura universal de lutador pela paz. 156